

Educação musical cooperativa: experiências e aprendizados na escola básica

Comunicação

Rodrigo Lisboa da Silva
SEE-PB// Mondragon Unibertsitatea
rodrigoltrombonista@gmail.com

Resumo: Esta comunicação apresenta um relato de experiência de um projeto de intervenção pedagógica e musical desenvolvido em uma turma de 7º ano de uma escola da rede estadual de educação básica da Paraíba. Partindo dos pressupostos da educação cooperativa, o projeto buscou estimular o desenvolvimento de habilidades sociais – comunicação, negociação, troca de saberes, solidariedade, etc. – bem como a participação ativa dos estudantes em processos de criação musical em sala de aula. Para tanto, os alunos da turma foram organizados em grupos cooperativos em que foram propostas atividades de pesquisa e criação musical envolvendo o corpo, a voz, uso de materiais recicláveis, construção de instrumentos musicais, etc. Apesar de os resultados do projeto terem sido cumpridos, a análise das evidências mostra a necessidade de outros ciclos de intervenção para a consolidação de uma cultura cooperativa na escola.

Palavras-chave: Educação musical. Educação Cooperativa. Criação musical.

Introdução

Esta comunicação apresenta um relato de experiência resultante de um projeto de intervenção desenvolvido com alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Francisco Campos, situada em João Pessoa (PB). Ao analisarmos a turma, de maneira geral, percebemos que os alunos, muitas vezes, são condicionados a replicar conhecimentos “prontos”, com poucas oportunidades para a criação e discussão de ideias entre os pares. Isto acaba reforçando perspectivas bancárias de educação que, segundo Paulo Freire, prezam pelo conteudismo e pelas relações verticais entre professor e aluno, sem, contudo, estimular a criatividade, a transformação, a reinvenção, a crítica e a busca inquieta por conhecimento (Freire, 2020, p. 82). Desta forma, a problemática apresentada centrou-se em como superar (ou mitigar) o individualismo e a passividade dos estudantes nas aulas de música². Logo, este projeto de intervenção partiu de uma lacuna percebida pelo professor de

¹ Secretaria de Estado da Educação da Paraíba.

² Apesar de as aulas terem ocorridos no componente curricular Arte, doravante, adotaremos “aulas de música” por ser esta a linguagem artística que norteou o projeto de intervenção.

Arte/Música da turma – autor deste relato – a respeito do pouco incentivo a práticas criativas e cooperativas no cotidiano escolar

Partindo desta constatação, propomos uma intervenção pedagógica e exploratória nas aulas de música, em uma turma do 7º ano, com o objetivo de estimular a criatividade musical e os aspectos cooperativos na formação dos estudantes. Para tanto, traçamos dois objetivos específicos: promover a criação cooperativa com base em distintas fontes e possibilidades musicais; estimular a formação de indivíduos mais ativos, participativos e abertos ao diálogo por meio da música.

De modo a atingir tais objetivos, planejamos e conduzimos atividades musicais com a turma baseando-se em três etapas principais: **1) Processo de pesquisa:** nesta etapa, os alunos investigaram, em pequenos grupos cooperativos (de até três ou quatro indivíduos), sobre conjuntos que fazem música através do corpo e de instrumentos musicais não convencionais. Por exemplo, o grupo “Barbatuques” (<https://www.barbatuques.com.br>) e o “Stomp” (<https://stomponline.com/>)³. Os resultados da pesquisa de cada grupo foram compartilhados com os demais estudantes da turma, servindo de base para que pudessem iniciar o processo criativo, de fato, na etapa seguinte; **2) Criação musical:** aqui o processo de criação foi iniciado. Foram organizados pequenos grupos (de no máximo quatro integrantes) para que pudessem explorar sons e criar ritmos, melodias e estruturas musicais a partir de diversos materiais: corpo, garrafas plásticas, papelão, baldes, copos plásticos, por exemplo. Os alunos tiveram a oportunidade de discutir, apresentar seus pensamentos e visões (muitas vezes, divergentes), negociar e procurar soluções para problemas. As criações foram orientadas pelo professor, sendo apresentadas ao final de cada aula como forma de autoavaliação em grupo. Os alunos puderam apreciar as criações dos colegas e partilhar sugestões, críticas e elogios, refletindo sobre as conquistas do grupo, aspectos a serem mantidos ou repensados; **3) Apresentação musical:** nesta etapa, realizamos a culminância do projeto de intervenção conduzido na turma, mostrando à escola os resultados dos grupos cooperativos e suas criações musicais. Cada grupo teve a oportunidade de escolher uma ou mais criações musicais desenvolvidas no processo e compartilhá-las para outras turmas do pátio da escola. Este foi o encerramento do primeiro ciclo cooperativo na turma.

³ Endereços acessados em 10 out. 2024.

Como fonte de informações, utilizamos o caderno de campo do professor com suas anotações, fotografias e gravações das aulas⁴. Além disso, os alunos participantes responderam, ao final da intervenção, um questionário autoavaliativo sobre as práticas desenvolvidas durante o projeto. Na última aula, também foi realizada uma roda de conversa com os estudantes com vistas a refletir e avaliar o percurso criativo e cooperativo musical desenvolvido na turma. A avaliação final dos estudantes foi realizada com base em critérios de participação ativa e cooperativa, assim como pelo engajamento nas aulas e atividades. Deste modo, esta comunicação busca relatar as percepções do professor e dos alunos sobre a intervenção realizada a partir das perspectivas da criação musical e da educação cooperativa. Assim, apresentamos e discutimos os resultados do projeto a partir das evidências decorrentes das fontes de informações.

Esta intervenção específica fez parte de um projeto maior do Governo da Paraíba, denominado “Conexão Mundo”, sendo uma política de formação continuada internacional para os professores da rede estadual⁵. Neste caso, a proposta de intervenção na escola foi planejada por meio de encontros *online* síncronos com professores da *Mondragon Unibertsitatea* (País Basco) durante a formação internacional intitulada “Educação cooperativa”. Esses encontros síncronos ocorreram de março a agosto de 2023, sendo que a intervenção pedagógica aqui relatada ocorreu em setembro do mesmo ano. Seus resultados foram analisados e discutidos presencialmente durante a estadia dos professores da rede estadual na *Mondragon Unibertsitatea*, em outubro de 2023.

De modo a situar a discussão, no próximo item, apresentamos as principais características da “educação cooperativa” e suas possíveis relações com a criatividade musical na educação básica.

Educação cooperativa e criatividade musical

A educação cooperativa é uma abordagem educativa voltada ao desenvolvimento humano com base em processos de ação e reflexão, significação e ressignificação, trabalho em equipe, solidariedade e responsabilidade. Dessa maneira, trata-se de uma perspectiva pedagógica que requer colaboração entre os pares, diálogo e discussão de ideias. Além disso,

⁴ Por questões éticas, não apresentaremos fotografias ou vídeos que exponham as imagens dos estudantes e de outros participantes do projeto.

⁵ Esta formação contou com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB).

a educação cooperativa prevê a realização de projetos concretos que possam promover bens e serviços à comunidade (Alcântara; Sampaio; Zabala, 2018, p. 185-190; St-Pierre; Richer, 2008, p. 115).

A educação cooperativa é uma abordagem que pode contribuir no percurso formativo dos estudantes. Kebach (2018) aponta que a educação cooperativa favorece o desenvolvimento das interações sociais e da afetividade, podendo ser uma proposta motivadora que contribui no prazer e no fazer artístico coletivo. Além disso, trata-se de uma postura educativa que pode fomentar experiências e práticas significativas para os estudantes que, através de processos criativos, podem expressar suas subjetividades – sentimentos, pensamentos, gostos, etc. (Kebach, 2018).

Kebach (2018) destaca ainda que as atividades cooperativas precisam ser planejadas e conduzidas coletivamente, possibilitando trocas entre os estudantes que, no caso do ensino de música, são desafiados a explorar os sons e silêncio de maneira ativa e dialógica. Nessa perspectiva, os estudantes deixam de ser sujeitos passivos, tornando-se protagonistas do processo educativo. Neste cenário, o professor não é impositor de conteúdos, mas mediador e facilitador da construção do conhecimento musical.

Cangro (2013, p. 133-134) critica o ensino tradicional – geralmente centrado no professor – que oferece poucas oportunidades para que os estudantes aprendam e reflitam sobre música de maneira colaborativa. Dessa forma, aponta que a educação cooperativa no ensino de música, por seu caráter coletivo, pode mitigar a exclusão e contribuir na formação dos estudantes para lidarem com a diversidade cultural, de gênero e de pensamentos para a solução de problemas. Deste modo, a educação cooperativa dialoga com o conceito de educação libertadora defendido por Freire (2020, p. 101), ou seja, uma educação que busca o desenvolvimento do pensamento crítico, o estímulo à criatividade, à reflexão e à transformação do ser humano sobre a realidade. Assim, a educação cooperativa é uma proposta fértil para o desenvolvimento do pensamento reflexivo e da ética, respeito, empatia, diálogo, capacidade de resolver conflitos, solidariedade, dentre outros aspectos.

É preciso destacar que o cooperativismo na educação musical não se reduz a colocar os estudantes para fazerem música juntos. Todos precisam contribuir e engajar-se no fazer musical. Desta maneira, Echeita (2012, p. 27-34) apresenta quatro condições essenciais à educação cooperativa: **1) Interdependência positiva:** o indivíduo só terá sucesso se os seus colegas também tiverem êxito, sendo este o elemento básico das situações cooperativas.

Dessa forma, há uma dupla responsabilidade: aprender o conteúdo e garantir que todos os integrantes também aprendam. Assim, é necessário o esforço de todos e, portanto, cada membro do grupo precisa contribuir para atingir o objetivo conjunto. A interdependência positiva exige apoio mútuo entre os membros e, portanto, partilha de recursos, funções e tarefas a serem realizadas com responsabilidade; **2) Responsabilidade pessoal:** no trabalho cooperativo, o sucesso da equipe depende da participação e comprometimento de todos os membros. Assim, a educação cooperativa é uma proposta que exige responsabilidade pessoal e compromisso perante as atividades atribuídas a cada membro do grupo; **3) Interação:** a educação cooperativa requer dos estudantes a capacidade de interagir e se relacionar com colegas cujos percursos de vida são heterogêneos. Essa interação requer, também, compromisso com o desenvolvimento do grupo e com a superação de dificuldades dos colegas; **5) Avaliação periódica:** elemento essencial para a reflexão do professor e dos grupos cooperativos, podendo potencializar os aspectos positivos e ajudar a melhorar as próximas etapas.

A respeito dos processos colaborativos de criação musical, Beineke (2017, p. 32-33) destaca que estes possibilitam a cooperação, a negociação de ideias e o desenvolvimento da capacidade de tomar decisões entre os estudantes. Assim, o trabalho cooperativo torna-se uma construção coletiva que permite o intercâmbio de ideias e significados, interações sociais e a possibilidade de diversas respostas para um mesmo problema (Beineke, 2017, p. 33-36). Portanto, Beineke (2017, p. 36) destaca que projetos colaborativos de criação musical são ferramentas propícias ao desenvolvimento de uma educação musical mais significativa, ativa, dialógica, prazerosa e que amplie os horizontes estéticos e musicais dos estudantes.

Nessa perspectiva, constitui-se o que Schafer (2011, p. 274) denomina de “comunidade de aprendizes”, ou seja, quando o professor deixa de ser o sujeito que transmite conhecimento e respostas prontas e passa a assumir uma postura de provocador de inquietações e situações problemas, participando, inclusive, dos momentos de descoberta. Dessa forma, ambos – professor e aluno – são agentes do processo de ensino e aprendizagem, superando as verticalizações do ensino tradicional e favorecendo o diálogo, a problematização, a criatividade e a libertação (Freire, 2020, p. 111).

De acordo com Beineke (2018, p. 181), aprender música criativamente possibilita a valorização dos conhecimentos e das experiências musicais dos estudantes. Além disso, a aprendizagem criativa está aberta a inúmeras possibilidades e ideias que favorecem o

engajamento dos estudantes no processo colaborativo de criação musical, oportunizando momentos de discussão, análise e reflexão (Beineke, 2019, p. 183, 190). Nessa perspectiva, o trabalho criativo cooperativo possibilita a superação do individualismo, estimulando, por outro lado, o compartilhamento e discussão de ideias. Assim, o processo de criação musical cooperativo é uma proposta que envolve negociações, encontros, tensões e trocas intersubjetivas entre os alunos (Beineke, 2015, p. 49, 55). Além disso, Penna (2015, p. 48) destaca que:

Dominar os esquemas de expressão é uma condição necessária para superar a passividade de receptor, rompendo o divisor social entre espectadores e criadores, que destina a estes últimos a faculdade de produzir, de divergir e inovar, e àqueles últimos a conformidade [...].

Tendo em mente os pressupostos da educação cooperativa e de suas relações com a criatividade musical, relatamos o processo de desenvolvimento da formação continuada internacional, com ênfase na intervenção pedagógica realizada na escola.

A formação em educação cooperativa

O curso de formação continuada internacional em educação cooperativa foi iniciado por meio de uma etapa a distância com professores da *Mondragon Unibertsitatea*⁶, que ocorreu de março a agosto de 2023. Neste período, pudemos aprender sobre as características das comunidades de aprendizagem cooperativa e suas potencialidades na formação humana. Assim, esse momento foi essencial para a compreensão de que a educação cooperativa é uma proposta pedagógica inclusiva e que favorece o desenvolvimento da responsabilidade e do compromisso no estudante, bem como de suas relações sociais (Echeita, 2012). As aulas ocorriam uma vez por semana, de maneira *online* e síncrona, com os professores da universidade. Esses momentos foram essenciais para a troca de experiências com os outros colegas professores, bem como para tirar dúvidas a respeito dos processos cooperativos a serem desenvolvidos na escola. Além disso, os professores da *Mondragon Unibertsitatea* deixavam atividades para que nós, enquanto participantes do curso, pudéssemos realizá-las de maneira cooperativa e, portanto, em diálogo com os colegas. Isso foi importante para uma

⁶ A participação no curso de Educação Cooperativa do Projeto Conexão Mundo ocorreu por meio de edital público disponível no site do Governo da Paraíba. Foram selecionados 20 professores de diferentes áreas, atuantes na rede estadual de educação básica da Paraíba.

maior aproximação com os pressupostos da educação cooperativa por meio da vivência prática e interdisciplinar.

Esse primeiro momento do curso foi essencial para que pudéssemos conhecer os princípios, características e possibilidades da educação cooperativa, articulando esses saberes à nossa prática pedagógica. Enquanto professores, pudemos fundamentar nossos projetos de intervenção que foram elaborados a partir da leitura e discussão de autores que tratam da educação cooperativa e da construção de uma escola mais participativa, inclusiva, justa e democrática (Echeita, 2012; Echeita; Sandoval, 2002; Libâneo; Silva, 2020). O professor necessita de reflexão e atualização constante sobre sua prática pedagógica e, nesse sentido, a educação cooperativa é uma proposta que favorece esses processos autoavaliativos.

Além dos encontros síncronos, participamos de um seminário presencial em que os professores orientadores da *Mondragon Unibertsitatea* vieram à Paraíba para ajudar-nos na elaboração das propostas de intervenção. Este seminário presencial, realizado em julho de 2023, durou uma semana e foi essencial para o desenho do projeto a ser conduzido nas escolas em que cada professor estava lotado. Assim, tivemos a oportunidade de discutir presencialmente as propostas de educação cooperativa com os orientadores, sendo que os próprios projetos foram construídos a partir das reflexões e discussões em comunidades cooperativas com outros participantes do curso, reforçando seu caráter interdisciplinar⁷.

O projeto de música teve como temática central a educação musical cooperativa e criativa. Dessa maneira, a ação foi iniciada a partir de um diagnóstico realizado por meio de uma roda de conversa com os estudantes da escola básica. Por intermédio da análise da fala dos alunos, identificamos que os conteúdos ministrados nas aulas de música necessitavam de uma abordagem mais significativa, ativa e cooperativa. Dessa maneira, propomos o desenvolvimento de um projeto de intervenção baseado na criatividade musical, na cooperação e nos princípios de educação libertadora de Paulo Freire, ou seja, uma educação participativa, crítica e aberta ao diálogo e à investigação (Freire, 2020). Com base nesse diagnóstico inicial, elaboramos o projeto de intervenção e, em seguida, iniciamos a sua execução.

⁷ O projeto aqui relatado foi orientado pelo professor Dr. Xabier Arregi Murgiondo (*Mondragon Unibertsitatea*).

A intervenção

A primeira etapa de intervenção foi de caráter investigativo. Nessa perspectiva, os alunos foram organizados em grupos cooperativos, sendo que o professor da turma assumiu a função de orientador do processo de pesquisa. Dessa maneira, foram formados cinco grupos de investigação com quatro membros cada. Os alunos foram conduzidos ao laboratório de informática para que pudessem pesquisar acerca das temáticas propostas, por exemplo: O que é música? Quem são os Barbatuques? Quem é o grupo *Stomp*? O que é educação cooperativa? – dentre outras questões. Nesse percurso, os estudantes foram estimulados e orientados sobre as formas seguras de pesquisa na internet, além da importância do diálogo e da capacidade de síntese dos resultados investigados. Em seguida, organizamos uma grande roda de discussão em que os grupos compartilharam os resultados de suas pesquisas.

Esse primeiro momento de investigação foi essencial para que os alunos pudessem adquirir novas referências musicais que foram usadas em seus trabalhos cooperativos e criativos em música. Os grupos foram formados pelo professor com base em critérios de heterogeneidade: idade, rendimento escolar, gênero, etc. Isso buscou estimular a interação dos estudantes com colegas que não necessariamente possuem maiores contatos. Caso a formação dos grupos fosse feita pelos estudantes, as equipes tenderiam a reunir pessoas com maior proximidade, o que poderia acarretar exclusões e não abarcar a dimensão interativa e heterogênea apontada por Echeita (2012).

Neste primeiro momento, introduzimos a necessidade do diálogo para a pesquisa e apresentação dos resultados pelo grupo. Assim, Paulo Freire destaca que dialogar é um ato que exige humildade para saber escutar e valorizar os conhecimentos de outras pessoas (Freire, 2020, p. 111). É preciso que esse diálogo supere os limites da verticalização em que o professor é tido como “detentor absoluto” de conhecimento. Assim, os alunos foram estimulados a pesquisar e trazer suas reflexões a partir do grupo, sendo que o professor assumiu a função de mediador do processo, e não de impositor de conteúdos. Conforme discutido anteriormente, um grupo cooperativo pode configurar-se como o que Schafer (2011, p. 274) denomina de “comunidade de aprendizes”, pois tanto o professor quanto os alunos estão imersos no fazer musical. Além disso, a interdependência positiva, aspecto destacado por Echeita (2012), foi introduzido pela vivência, pois a apresentação adequada dos resultados das pesquisas dependia do compromisso dos membros de cada grupo.

Após esta primeira etapa investigativa, iniciamos a prática criativa-musical. Organizamos os alunos em grupos heterogêneos de no máximo quatro integrantes. Cada equipe teve, inicialmente, tampas de garrafas e sacolas plásticas como materiais possíveis para as criações musicais. Como resultado, as equipes conseguiram apresentar diversos ritmos com o uso não só destes materiais, mas também por meio do corpo, da voz e sons produzidos nas mesas, com cadernos, lápis, etc. Os resultados positivos destacados pelos alunos e observados na aplicação da proposta inicial foram: maior capacidade de diálogo com pessoas diferentes para realizar criações musicais; reconhecimento de materiais não convencionais como meios para se fazer música; comprometimento dos integrantes da equipe em garantir que todos os alunos participassem da atividade musical (inclusão); maior capacidade de resolução de problemas; dentre outros aspectos.

Além da prática criativa com materiais recicláveis, realizamos exercícios rítmicos com o corpo. Primeiro, o professor executava o ritmo e os alunos repetiam. Em seguida, o professor criava alguns ritmos para que vários alunos pudessem executá-los ao mesmo tempo. Finalmente, o professor organizou os alunos em grupos cooperativos. Como tarefa, os membros de cada equipe tiveram que criar cooperativamente uma ideia musical utilizando o corpo (palmas, sons com a boca, pernas, pés, etc.) e a voz. Com isso, diversos grupos trouxeram músicas conhecidas de suas experiências, mas com novos arranjos e ressignificações. Conforme Penna (2015, p. 45-48), a vivência musical do estudante precisa ser o ponto de partida para o processo de musicalização e de domínio dos esquemas de expressão criativa.

Além do trabalho desenvolvido com o uso do corpo e da voz, também foram desenvolvidas atividades de confecção dos próprios instrumentos musicais. Dessa maneira, os alunos confeccionaram instrumentos utilizando garrafas pet, baldes, papelão, sementes, pedras, dentre outros materiais. Buscamos explorar e vivenciar as possibilidades sonoras (timbres) de cada instrumento criado. Assim, o processo criativo não ocorreu apenas na criação e no rearranjo de músicas do cotidiano dos estudantes, mas por meio da criação dos próprios instrumentos musicais. Como resultado, os alunos conseguiram criar diversos padrões rítmicos. Entretanto, cabe destacar a criação de um arranjo musical proposto pelos estudantes da música “Asa Branca” do compositor Luiz Gonzaga. Esse arranjo foi acompanhado pelo professor que tocou junto aos alunos nos ensaios e na apresentação final.

Com base na análise dos resultados apresentados pelos estudantes, destacamos como pontos positivos: maior envolvimento nas atividades; respeito às diferentes vivências musicais; maior motivação dos alunos nas aulas de música; maior segurança e coordenação motora; responsabilidade perante as atividades musicais e criativas propostas; maior cooperação e diálogo entre os estudantes, dentre outros aspectos.

Com base no grau de participação nos aspectos cooperativos, bem como na implementação das atividades e ações propostas, consideramos que o objetivo proposto para o projeto foi cumprido. A perspectiva da criação musical, segundo os dados, possibilitou maior participação ativa dos alunos. Além disso, os registros do diário de bordo do professor mostraram que os alunos se sentiram mais motivados para executar o projeto e concluir as atividades. Durante o desenvolvimento da intervenção, os alunos demonstraram maior confiança na criação e execução de ideias musicais, bem como maior responsabilidade em ensaiar e apresentar os resultados de suas criações.

Já ao analisarmos os questionários autoavaliativos, pudemos destacar vários aspectos positivos apontados pelos alunos e que estão relacionados ao objetivo referido, por exemplo: “oportunidade de tocar e experimentar instrumentos musicais”, “fazer música e não apenas falar sobre”, “sair do repetitivo da aula”. Como destacado anteriormente, a criação musical em sala de aula favorece o engajamento ativo dos estudantes, bem como a formação do pensamento crítico e reflexivo. Além disso, quando conduzido por intermédio de processos cooperativos, a criação musical abarca trocas intersubjetivas e diálogo que, por sua vez, podem superar o individualismo das práticas educativas (Beineke, 2019, p. 183, 190; 2018, p. 181; 2015, p. 49-55).

No que diz respeito aos aspectos cooperativos, as respostas dos estudantes ao questionário revelaram algumas contribuições da intervenção: “compromisso, prática e responsabilidade”; “aprender a conviver e cooperar com outras pessoas”; “trabalhar em equipe com colegas que não temos tanta intimidade”; “o projeto ajuda na comunicação para que possamos conhecer outras pessoas e escutar opiniões diferentes”; “aprender a socializar”. Assim, podemos afirmar que a proposta da educação cooperativa estimulou o desenvolvimento de habilidades de interação social (Kebach, 2018). Isto relaciona-se, portanto, aos elementos básicos da educação cooperativa apontados por Echeita (2012, p. 27-34): interdependência positiva (o sucesso do grupo depende do compromisso individual); responsabilidade (participação e compromisso); e interação (diálogo com o grupo).

Além dos aspectos positivos, os estudantes puderam compartilhar, nos questionários e na roda de conversa final, elementos que precisam ser melhorados para os próximos ciclos: “dificuldade com companheiros que não se comprometem ou que ficam com brincadeiras chatas nas discussões em grupo”; “dificuldades de alguns em escutar os colegas e cooperar”; “pouco tempo para criar as músicas”; etc. Isso mostra que a educação cooperativa é um processo que demanda tempo para se consolidar na escola.

Considerações finais

Pelo exposto, o projeto de intervenção favoreceu o desenvolvimento do diálogo, das relações sociais e da busca de soluções de problemas entre os estudantes. Além disso, estimulou a prática criativa e musical. Contudo, é necessário que este seja pensado como um processo cíclico em que outras ações precisam ser desenvolvidas a partir das demandas da comunidade e de forma a criar uma cultura cooperativa na escola. Conforme destaca Echeita (2012, p. 32-34), a avaliação periódica dos resultados é essencial para a reflexão dos grupos e para o planejamento de novos ciclos cooperativos por parte do professor.

Para outros ciclos, consideramos a necessidade de estabelecer alianças com outras instituições (intercooperação), como o Departamento de Educação Musical da UFPB, bem como estimular o trabalho transdisciplinar com os demais professores da escola com vistas ao enriquecimento do processo de pesquisa e das experiências educacionais dos alunos.

As ações deste projeto foram conduzidas baseando-se nos princípios da educação cooperativa, sendo que nenhum estudante foi excluído do processo de criação musical e construção do conhecimento. Todos tiveram a oportunidade e foram incentivados a trabalhar em equipes de investigação e criação musical, favorecendo trocas intersubjetivas, socialização, capacidade de diálogo e desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Conforme destacam Libâneo e Silva (2020), uma educação comprometida com a justiça social pauta-se na valorização e no acolhimento da diversidade humana, superando mecanismos excludentes e permitindo a formação do pensamento crítico e reflexivo. Deste modo, a consolidação de uma cultura cooperativa nas aulas de música não se faz apenas colocando os estudantes para tocarem juntos sob a batuta de um maestro ou professor, pois cooperar envolve interação social, inclusão, processos de negociação, descobertas, troca de conhecimentos, resolução de tensões, participação ativa e responsável dos integrantes das equipes – e não só a reprodução de saberes prontos.

Nos limites desta comunicação e diante do curto tempo para a execução do projeto, consideramos que seus objetivos foram cumpridos, dadas evidências de melhorias nas habilidades cooperativas e de criação musical dos alunos que participaram das aulas.

Referências

ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; ZABALA, Leire Uriarte. Experiencia cooperativa de Mondragon: la educación cooperativa como un proceso de transformación social. *Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, [s. l.], n. 93, p. 181-209, 2018.

BEINEKE, Viviane. Entre linhas e costuras criamos constelações: estudos sobre a aprendizagem criativa em educação musical. In: SCHAMBECK, Regina Finck; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira; BEINEKE, Viviane (Orgs.). *Processos e práticas em educação musical: formação e pesquisa*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 179-196.

BEINEKE, Viviane. Crianças como críticos musicais em sala de aula: processos intersubjetivos na aprendizagem criativa. *Opus*, v. 24, n. 1, p. 153-166, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3Tp67zS>. Acesso em: 06 mar. 2024.

BEINEKE, Viviane. Componiendo colaborativamente en la escuela: entre teorías y prácticas en el campo del aprendizaje musical creativo. *Revista Internacional de Educación Musical (ISME)*, n. 5, p. 31-39, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.12967/RIEM-2017-5-p031-039>. Acesso em: 24 out. 2022.

BEINEKE, Viviane. Ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica. *Revista da Abem*, Londrina, v. 23, n. 34, p. 42-57, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/436f8kA>. Acesso em: 06 mar. 2024.

CANGRO, Richard M. Effects of Cooperative Learning Strategies on the Music Achievement of Beginning Instrumentalists. *International Journal of Arts and Commerce*, Londres, v. 2, n. 7, p. 133-141, 2013.

ECHEITA, Gerardo. El aprendizaje cooperativo al servicio de una educación de calidad: cooperar para aprender y aprender a cooperar. In: TORREGO, Juan Carlos; NEGRO, Andrés. *Aprendizaje cooperativo en las aulas: fundamentos y recursos para a sua implantación*. Madrid: Alianza Editorial, 2012. p. 21-45.

ECHEITA, Gerardo; SANDOVAL, Marta. Educación inclusiva o educación sin exclusiones. *Revista de Educación*, Madrid, n. 327, p. 31-48, 11 nov. 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 74. ed. rev. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. Apreciar, criar, recriar: as atividades lúdicas e cooperativas como fontes de construção do conhecimento musical. In: Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical, 18, Santa Maria/RS. *Anais...* Santa Maria: ABEM, 2018. Disponível em: http://abemeducaomusical.com.br/anais_ersul/v3/papers/3065/public/3065-10651-1-PB.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos; SILVA, Eliane. Finalidades educativas escolares e escola socialmente justa: a abordagem pedagógica da diversidade social e cultural. *Revista online de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 24, n. 1, p. 816-840, 2020.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

ST-PIERRE, Isabel; RICHER, Madeleine. La educación cooperativa en la escuela: el caso de Quebec. *Investigación arbitrada*, [s. l.], ano 12, n. 40, p. 109-116, 2008.